

ANÁLISE SEMIÓTICA: PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO EM UMA TIRINHA DE HUMOR.

Ricardo Santos David¹

RESUMO:

Para a Semiótica Discursiva, o percurso gerativo de sentido cita ao plano de conteúdo de um texto e atenta-se com o modo como o sentido nele é construído. Apoiado na teoria da Semiótica Discursiva e em seus seguidores, tais como Fiorin (2002) e Barros (2005), visamos analisar o percurso gerativo de sentido de um texto relativo ao gênero tira. Como corpus, selecionamos uma tira da personagem Magali, do autor Maurício de Sousa, declarado que tal escolha justifica-se pela grande popularidade da personagem, além de tudo, consideramos que o conhecimento que possuímos a respeito de uma de suas características principais, a gula, ajudará com nossa análise. Para tanto, notamos os três níveis do percurso gerativo de sentido, a citar: a) fundamental, com interesse de estabelecer as categorias semânticas presentes no texto; b) narrativo, analisar se foram conhecidas suas quatro fases, ou seja, manipulação, competência, performance e a sanção; c) discursivo, reconhecer como se concretizaram as formas abstratas do nível narrativo. Por fim, posto que o texto possui dois sujeitos, Magali e o Pinóquio, analisaremos a forma como o sentido é construído nos discursos de ambos.

Palavras-chave: semiótica discursiva; tira de humor; estudo do discurso.

SEMIOTIC ANALYSIS: GENERATIVE ROUTE OF SENSE IN A COMIC.

ABSTRACT:

For Discursive Semiotics, the generative path of meaning cites the content plane of a text and is attentive to the way the meaning in it is constructed. Based on the theory of Discursive Semiotics and its followers, such as Fiorin (2002) and Barros (2005), we aim to analyze the generative path of meaning of a text related to the strip genre. As a corpus, we selected a strip of the character Magali, author Maurício de Sousa, stated that such a choice is justified by the great popularity of the character, in addition, we consider that the knowledge we have about one of its main characteristics, gluttony, will help with our analysis. To do so, we note the three levels of the generative path of meaning, to cite: a) fundamental, with interest to establish the semantic categories present in the text; B) narrative, to analyze if they were known its four phases, that is, manipulation, competence, performance and sanction; C) discursive, recognize how the abstract forms of the narrative level materialized. Finally, since the text has two subjects, Magali and Pinocchio, we will analyze the way the meaning is constructed in the discourses of both.

Keywords: discursive semiotics; Strip of humor; Study of discourse.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo verificar uma análise de um texto tendo como princípio os pensamentos teóricos da Semiótica Discursiva. Como corpus, selecionamos uma tira de uma das personagens da turma da Mônica, “Magali”, do escritor Maurício de Sousa. O intuito dessa escolha se deu pela popularidade dessa personagem, cuja característica principal é a gula. Pesquisamos verificar o percurso gerativo de sentido no texto, isto é, o modo como sentido nele se constrói. Posto que possuímos dois sujeitos na tira, o Pinóquio e a Magali, analisaremos a construção dos sentidos sob a visão dos dois. Apesar disso, a princípio, com o intuito de fixar o leitor no contexto semiótico, consideramos importante uma breve explicação sobre Semiótica Discursiva, desde seu surgimento, quem foi seu fundador, suas bases teóricas, o nome que recebeu inicialmente; para então partirmos para os conceitos propagados por essa disciplina, tais como “plano de conteúdo” e “plano de expressão”. Em seguida, refletimos sobre o plano de conteúdo; o percurso gerativo de sentido e seus níveis: fundamental, narrativo e discursivo; atemos, dessa maneira, os conceitos sobre esses itens com a análise do texto. Sobretudo, verificaremos no nível fundamental, as categorias semânticas opostas que o constituem; no narrativo, como se estrutura a sequência canônica, que compreende quatro fases (manipulação, competência, performance e sanção); e, por último, no nível discursivo, como se concretizaram as formas abstratas do nível narrativo.

SEMIÓTICA DISCURSIVA

A Semiótica Discursiva (doravante denominada SD), inicialmente, recebeu o nome de Semântica Estrutural por seu fundador Algirdas Julien Greimas e, devido a esse estudioso, também pode ser chamada de Semiótica Greimasiana. É considerada uma disciplina em desenvolvimento, ou seja, não está acabada, “não é facta, mas in fieri. Por isso, a todo o momento, está

repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se.” (FIORIN, 1999, p. 1) Fundamentada nos conceitos propostos por Saussure e Hjelmslev, tem como seu objeto de estudo “o sentido, o qual, para Hjelmslev, ocorre pelo encontro dos níveis expressão/conteúdo e são suscetíveis de ser analisados pela metalinguagem descritiva.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20) Contudo, a SD não se preocupa com o sentido em si, mas como modo como é empregado no texto, interessa-se pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente. (BERTRAND, 2003, p. 11) Visto que o sentido se dá em um texto, cabe entendermos a visão que a SD tem sobre ele. Segundo os preceitos semióticos, para que haja um texto é necessário que aconteça uma união de conteúdo, o que se diz, com uma expressão, como se diz. Por exemplo, se pretendemos passar uma determinada mensagem (o conteúdo) temos que escolher um plano de expressão para que ela se estabeleça: uma carta, um poema, um bilhete, uma música, etc. Assim, um texto pode ser tanto “linguístico, indiferentemente oral ou escrito, quanto visual, olfativo ou gestual, ou, ainda, um texto em que se sincretizam diferentes expressões como nos quadrinhos, nos filmes ou nas canções populares.” (BARROS, 2003, p. 188) Entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, importa à SD o primeiro, já que é nele que se encontram os sentidos; embora essa disciplina não ignore a importância do plano de expressão, já que:

a função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. (HELMSLEV, 2003, p. 198)

Desse modo, a semiótica propõe, como primeiro passo para uma análise, “que se examine apenas seu plano do conteúdo. As especificidades da expressão, na sua relação com o conteúdo, serão estudadas posteriormente.” (BARROS, 2005, p. 13)

Rev



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5566

O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO E SEUS TRÊS NÍVEIS

O plano de conteúdo de um texto é concebido sob a forma de seu percurso gerativo de sentido. E, a fim de detalhar como acontece essa relação texto, plano de conteúdo e sentido, atentemos à seguinte observação:

A teoria semiótica procura, portanto, explicar os sentidos do texto. Para tanto, vai examinar, em primeiro lugar, os mecanismos e procedimentos de seu plano de conteúdo. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido, metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo. (BARROS, 2003, p. 188)

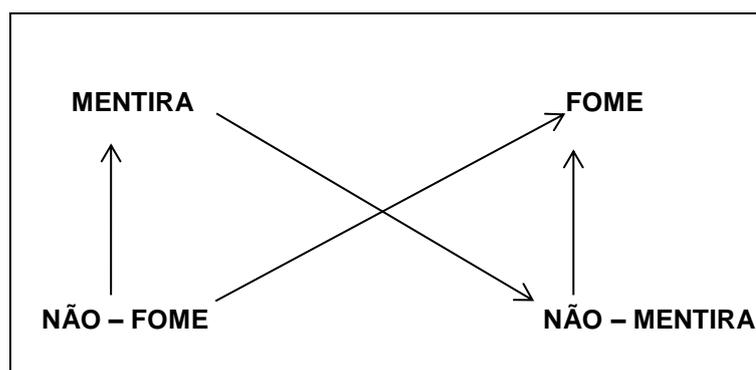
O percurso gerativo de sentido “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido.” (FIORIN, 2002, p. 17) Segundo o mesmo autor (1999, p. 3), ele se divide em três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Com base nesses conceitos sobre o plano de conteúdo e o percurso gerativo de sentido de um texto, além de outros que definiremos, a seguir, a respeito dos três níveis/patamares do percurso gerativo (fundamental, narrativo e discursivo), analisaremos a tira abaixo com o fito de aplicar tais teorias ao texto que constitui o corpus de nossa análise. Antes mesmo de discorrermos sobre os níveis/patamares, consideramos relevantes algumas informações sobre os personagens que serão oportunas durante esta análise. No que se refere à Magali, como já mencionamos anteriormente, possuímos o conhecimento de que essa personagem se destaca por ser gulosa. Quanto ao Pinóquio, que posteriormente percebemos que se nariz cresce quando conta uma mentira, temos aqui a reprodução de um conto de fadas bastante popular, no qual um menino feito de

madeira sonha em ser um garoto de verdade.

NÍVEL FUNDAMENTAL

O primeiro dos três níveis do percurso gerativo de sentido é o fundamental, visto que compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que a vs b. Podem-se investir nessa relação oposições como vida vs morte, natureza vs cultura, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos não a vs não b. Os termos a vs b mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos não a vs não b. Entre a e não a e b e não b há uma relação de contraditoriedade. Ademais, não a mantém com b, assim como não b com a, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos. (FIORIN, 1999, p. 4)

Com base nisso, fome X mentira constituem, então, categorias semânticas do texto; dado que há uma contraditoriedade entre fome e mentira, bem como não mentira implica em não se alimentar. Ademais, posto que o “quadrado semiótico organiza logicamente os termos da estrutura fundamental” (LARA; MATTE, 2009, p. 21), optamos por construí-lo:



Cada um dos elementos da categoria de base de um texto “recebe a qualificação semântica /euforia/ - considerado um valor positivo - versus /disforia/ - visto como um valor negativo.” (FIORIN, 2002, p. 20) Com relação ao texto, para o Pinóquio, sua condição de menino de madeira e mentiroso, é disfórica; já, conquistar uma condição de ser um menino de verdade é eufórico. FOME-

MENTIRA NÃO-MENTIRA. Enquanto isso, para Magali, a mentira de Pinóquio, no quadrinho, é disfórica; o que seria eufórico, segundo essa personagem, seria alguém com a capacidade de fornecer-lhe algum tipo de comida, como um padeiro ou um pipoqueiro. Por fim, a sintaxe do texto ocorre do seguinte modo: afirmação da fome no momento em que um dos sujeitos se encontra na condição de faminto; a negação da mentira quando esse precisa contar uma mentira para ajudar Magali.

NÍVEL NARRATIVO

O segundo nível do percurso gerativo de sentido é o narrativo, o qual trabalha com a narratividade. No entanto, não podemos confundir narratividade com narração; pois esta“ concerne a uma determinada classe de textos. Aquela é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...], quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final.” (FIORIN, 2002, p. 21)

Para que essas transformações ocorram, precisa haver no texto os papéis narrativos, desempenhados por sujeitos e objetos, contudo, não se pode confundir “sujeito com pessoa e objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais.” (ibidem, p. 22) É por esse motivo que tanto Magali, um ser humano, como o Pinóquio, um brinquedo, constituem-se, na narrativa, como sujeitos. Em um texto, há dois tipos de objeto que o sujeito almeja, são eles: “objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber), necessários para a obtenção dos objetos de valor - que são o objetivo último da ação narrativa.” (FIORIN, 1999, p. 5) Na tirinha, o objeto modal do o Pinóquio precisa contar uma mentira; meio pelo qual ajudará Magali, que é a condição de ser um bom menino. Para Magali, fazer o Pinóquio contar uma mentira constitui como um objeto modal, no entanto, seu objeto de valor é divergente, já que, motivada por sua gula, o que objetiva ao final é simplesmente a “comida”. Percebemos com isso que o que é um objeto de valor para um sujeito pode não ser para o outro, ademais, o que é um objeto de valor para a maioria pode não ser para um determinado sujeito e vice-versa. No caso, sabemos que mentir para conseguir

algo não é certo por isso não ser ético, mas ainda sim Magali, devido à sua gula, prefere usar da bondade de um menino que ao mentir seu nariz infelizmente cresce. Passemos agora aos dois tipos de enunciados elementares da sintaxe narrativa:

No nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77)

Do ponto de vista do Pinóquio, de um estado inicial disjuncto do seu objeto de valor, passa a um final conjuncto, quando consegue realizar tal transformação. Magali encontra-se também em um estado inicial de disjunção de seu objeto de valor, a comida, no entanto, ao final, continua disjuncto dele. Quanto às transformações, o Pinóquio passa de seu estado inicial de menino que não conta mentiras a um estado final, o de um mentiroso. A propósito, ainda no nível narrativo, uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica de fases: manipulação, competência, performance e sanção – as quais detalharemos no próximo item. Cada fase, uma pressupõe a outra, por exemplo, “para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo.” (FIORIN, 1999, p. 5) A primeira fase é a manipulação. Nela, “o que importa é o esforço do destinador no sentido de despertar a confiança do destinatário (fazer crer) para, em seguida, completar a manipulação, fazendo-o fazer ou não fazer.” (TATIT, 2002, p. 191) Além disso, “essa fase pode ser concretizada como um pedido, uma súplica, uma ordem, etc.” (FIORIN, 1999, p. 5). Para que um sujeito consiga o que deseja, ele age sobre o outro de forma que esse segundo colabore para a conquista do seu objetivo. Para isso, é interessante que o manipulador conheça o outro sujeito, pois, desse modo, a manipulação terá mais chances de ser bem-sucedida.

No caso da tira, diante de sua posição de mentiroso - um brinquedo que causa repulsa em muitas pessoas e que não possui nenhum atrativo que poderia ser oferecido a uma moça como um objeto de valor -, ele parte do pressuposto de que Magali já conhece os contos de fadas popularizados por um menino que conta mentira, nasce boneco de madeira e sonhar se tornar um ser humano. Oferece a ela uma ajuda de valor, uma surpresa, com a finalidade de matar sua fome. Ao lançar mão do pedido de Magali Pinóquio se deixa manipular motivado a ajudá-la completa, assim, a manipulação.

Dentre as formas de manipulação existentes, destacamos as quatro seguintes:

- a. Sedução: em que o destinador manifesta um saber fazer o destinatário querer fazer, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas;
- b. Tentação: domínio em que o destinador demonstra poder fazer o destinatário querer fazer, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável;
- c. Provocação: caso no qual o primeiro actante obtém com o seu saber fazer o dever fazer do destinatário, já que o leva a agir como única forma de refutar a depreciação que lhe foi imposta;
- d. Intimidação: processo que põe em cena um destinador dotado de um poder fazer (normalmente extradiscursivo) o destinatário deve fazer a partir de algum tipo de ameaça. (TATIT, 2002, p. 191)

No texto, ocorre uma manipulação por tentação por parte da Magali. Ela consegue com que Pinóquio conte mais uma mentira e, com a mentira ela obterá uma recompensa, no caso, uma surpresa a maçã. Contudo, nem sempre a manipulação é bem-sucedida, visto que para que o seja, dependerá da colaboração dos dois sujeitos. Quando o sujeito a ser manipulado não se deixa manipular, “recusa-se, assim, a participar do jogo do destinador, pela proposição de um outro sistema de valores. Só com valores diferentes o sujeito se safará da manipulação.” (BARROS, 2005, p. 35). No caso de Pinóquio isso não aconteceu, ele se interessou pela proposta da Magali e cedeu ao seu pedido, tanto que acabou por dar o que ele pediu: a maçã. A diferença de valores só aparece ao final, após a manipulação, quando Magali demonstra que para ela lhe interessa muito mais um alguém que possa lhe oferecer comida do que um mero amigo. Atitude que produz uma ruptura, causando o humor.

Na segunda fase, a competência,

um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer. Quando, num conto maravilhoso, uma fada dá a um príncipe um objeto mágico, que lhe permitirá realizar uma ação extraordinária, está dando-lhe um poder fazer, figurativizado pelo referido objeto mágico. (FIORIN, 1999, p. 5)

A Magali, sujeito manipulador do texto, possui a competência de ganhar uma maçã de Pinóquio e, por isso, dirige-se a ele de forma educada, para que então ele conte outra vez uma mentira e seu nariz consiga alcançar o topo da árvore e seu desejo se realize. A terceira fase é a performance. Ela é a representação sintático-semântica [...] da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados (BARROS, 2005, p. 29), na qual acontece a transformação principal do texto. Sendo assim, Pinóquio, manipulado pela Magali, opera a transformação do texto quando conta uma mentira, mesmo contra sua vontade; passando de seu estado de não mentiroso (a brincado mentiroso). A última fase é a da sanção, que pode ser tanto cognitiva quanto pragmática.

Aquela é o reconhecimento por um sujeito de que a performance de fato ocorreu. Em muitos textos, essa fase é muito importante, porque é nela que as mentiras são desmascaradas, os segredos são desvelados, etc. A sanção pragmática pode ou não ocorrer. (FIORIN, 1999, p. 5)

Do ponto de vista da Magali, a performance ocorreu. Percebemos que a menina conseguiu o que queria, ou seja, alimentar-se. Apesar disso, ela se espanta com a reação de Pinóquio quando ela demonstra que sua gula é maior que de qualquer coisa.

NÍVEL DISCURSIVO

É no terceiro e último nível, o discursivo, que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude.” (FIORIN, 2002, p. 29) Sendo assim, nessa relação entre níveis narrativo e discursivo, quanto mais “profundo o nível, [...] mais simples são as unidades, assim como mais abstratas.

Quanto mais superficial, mais essas unidades se complexificam e se concretizam.” (LARA; MATTE, 2009, p. 20-21) Visto isso, os sujeitos do nível narrativo se concretizam como um menino (que se tornou mentiroso) e uma garotinha (Magali). Quanto ao objeto de valor de ambos os sujeitos, a concretização se dá de forma diferente, pois “o nível discursivo produz as variações de conteúdos narrativos invariantes.” (FIORIN, 2002, p. 29) Desse modo, enquanto o Pinóquio pretende estar em conjunção com seu objeto de valor, ser um bom menino, Magali busca encontrar na ingenuidade de Pinóquio a ajuda oferecida por ele a “comida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista nosso foco exposto, já, na introdução, ou melhor, o de analisar um texto aplicando alguns conceitos do percurso gerativo de sentido, segundo as teorias da Semiótica Discursiva, deduzimos a aquisição de êxito em nosso intento. Contudo tenhamos atingido tal objetivo, reconhecemos a importância de uma exposição mais aprofundada dos conceitos, assim como uma análise mais detalhada. Ainda assim, acreditamos na possibilidade de termos iniciado um diálogo eficaz com nossos leitores, levando até eles, uma breve sugestão de análise.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do discurso*. In: FIORIN, José Luiz (org.)

Introdução à Linguística II: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EdUSC, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

ⁱ Pós-Doutorado em Educação: Formação de Professores: FCU - Florida Christian University / EUA.
Mestrado e Doutorado em Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias. Especialista em docência do ensino superior. Pesquisador no centro de estudos da linguagem pela Uniatlantico - Espanha.